

A CRISE DE SENTIDO E A GLOBALIZAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Giselle Rodrigues RIBEIRO
(Universidade de São Paulo)

RESUMO: Cada vez mais se evidencia uma grande crise de sentido no mundo predominantemente capitalizado em que vivemos. Não obstante, podemos já perceber uma reação a este respeito. Trata-se do fenômeno da globalização contra-hegemônica, conforme este conceito é delineado por Boaventura de Sousa Santos em *A globalização e as Ciências Sociais*. Neste texto, objetivamos, então, pontuar como esta tendência apresenta-se já idealizada e presente na tessitura literária em língua portuguesa. Para tanto, consideramos duas obras de amplitude bem distintas, são elas *Ensaio sobre a cegueira*, do português José Saramago, e *Mistida*, de Abdulai Sila, escritor da Guiné-Bissau, livro este de que examinamos o primeiro capítulo, embora muitas das considerações a se realizar estejam relacionadas a toda a composição. Além disso, é necessário pensar que antes de adentrarmos a abordagem da própria ação de resistência que configura a globalização contra-hegemônica é preciso por em evidência contra o quê determinados grupos se insurgem. Este é, portanto, o procedimento que seguimos nesta exposição.

PALAVRAS-CHAVES: Globalização contra-hegemônica; literaturas de língua portuguesa; resistência; literatura da Guiné-Bissau

ABSTRACT: The capitalized world in which we live nowadays reveals, every now and then, a crisis of meaning. However, we can already watch a reaction to this fact. We mean the counter-hegemonic globalization, as Boaventura Santos describes this concept in *A globalização e as Ciências Sociais*. Therefore, in this text, we aim to show how this tendency is already perceived in literary texts written in Portuguese. In order to follow this purpose, we consider two books of different amplitude. They are: *Ensaio sobre a cegueira*,

written by the Portuguese José Saramago, and *Mistida*, by Abdulai Sila, a writer from Guinea-Bissau. Besides, it is important to say that before considering the resistance action that configures the counter-hegemonic globalization, it is necessary to show what the considered groups are combating. Then, this is the sequence in which we develop our ideas in this text.

KEYWORDS: Counter-hegemonic globalization; Literatures written in Portuguese; resistance; Guinea-Bissau literature

Tratar da literatura escrita em língua portuguesa requer sempre cuidado, visto o pequeno destaque que este idioma efetivamente alcançou em escala mundial, embora não nos devemos esquecer, o português seja a 6ª língua mais falada no mundo, contando, também, com um dos “maiores potenciais de crescimento como língua de comunicação internacional na África Austral e na América do Sul”, segundo dados da Associação Brasileira de Educação e Cultura estabelecida na Suíça (ABEC)¹.

A dificuldade parece maior quando se percebe que este idioma não é verdadeiramente utilizado pela maior parte da população que compõe o grupo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), por exemplo, a qual, na maioria das vezes, prefere conduzir suas experiências em uma língua autóctone, muitas vezes de caráter étnico.

E se nos deixarmos contaminar com os dados pessimistas segundos os quais, por exemplo, no Brasil, as crianças não gostam de ler, os jovens não querem ler, os adultos não tem tempo para ler, e existem muitos analfabetos, entraremos na crise existencial de

¹ Dados sobre o posicionamento da língua portuguesa no mundo podem ser encontrados no site <www.observatoriop.com>. As informações utilizadas neste texto, por outro lado, estão disponíveis no site da ABEC, a saber: <http://www.abec.ch/Portugues/subsidios-educadores/artigos/categorias/artigos-familia/Portugues_e_a_sexta_lingua_materna_mais_falada_no_mundo.pdf>.

perguntar o que move um escritor de língua portuguesa, qual é o alcance potencial desta literatura que até agora conta com poucos escritores com reconhecimento global, e talvez simplesmente, por que considerá-la afinal?

Bem, gosto é gosto é o que poderíamos dizer. E se este velho adágio não contentar o nobre leitor, chamamos alguém de peso para ajudar. Para Saramago(1996)², escrever “é ir descobrindo que tínhamos na cabeça mais coisas do que havíamos suposto antes.”. Perguntaríamos nós, então, se há coisa melhor do que esvaziar a cabeça acompanhado por nossa velha língua-mãe, mas estas digressões estariam indo longe demais.

Não é nosso propósito mergulhar o leitor sequer na perturbação que representa, para alguns, uma crise existencial de caráter literário-lingüístico, caso não se persuada com as palavras do venerável escritor. Queremos, em suma, apenas considerar, de forma breve, determinado efeito da crise de sentido que acreditamos se evidencia, muitas vezes, no mundo altamente globalizado e predominantemente capitalista em que vivemos. Referimo-nos à globalização contra-hegemônica conforme o conceito é delineado por Boaventura de Sousa Santos (2002) em *A globalização e as Ciências Sociais*, e, especificamente, ao modo como literariamente esta já se faz idealizada e presente na tessitura literária em língua portuguesa.

Para alcançar este objetivo, consideramos duas obras de amplitude bem distintas, são elas *Ensaio sobre a cegueira*, do português José Saramago (1996), e *Mistida*, de Abdulai Sila, escritor da Guiné-Bissau, livro este de que examinamos o primeiro capítulo, embora muitas das considerações a se realizar estejam relacionadas a toda a composição. Além disso, é necessário pensar que antes de adentrarmos a abordagem da própria ação de resistência que

² O autor assim se expressou em entrevista intitulada *Idéias claras, escrita clara*, oferecida à edição 166 da revista Nova Escola, em outubro de 2003, O texto está disponível no site: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0166/aberto/mt_181240.shtml.

configura a globalização contra-hegemônica é preciso por em evidência contra o quê determinados grupos se insurgem. Este será, portanto, o procedimento que seguiremos nesta exposição.

Inicialmente, cabe dizer que estas obras assemelham-se na medida em que foram elaboradas em um momento em que o entendimento da idéia de “sociedade” enquanto um sistema fechado torna-se inválido. Com efeito, Featherstone parece estar certo quando aponta as sociedades como organismos problemáticos que “trazem formas destrutivas de vida social, [e que] não podem mais ser concebidas quase exclusivamente apenas como o Estado-nação bem delimitado.” (Featherstone, 1990, p.2, *apud* SANTOS, 2002, p.26).

Marca-nos, irrefutavelmente, de acordo com Santos (2002, p.27),

A globalização, [que] longe de ser consensual, é, como veremos, um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro [...]”.

Este é um fenômeno que, embora costume ser reduzido a suas dimensões econômicas, interessa-nos, neste momento, pelo que afeta nossa esfera social, à qual devemos atentar, da mesma forma que a suas dimensões cultural e política (*idem*).

De fato, é no social que percebemos a manifestação maior ou menor de uma crise de sentido que se manifesta, por exemplo, em uma intensa volatilidade e similar volubilidade dos valores que, espera-se, exista entre as pessoas. Esta idéia foi representada, nos dois livros que mencionamos, através da simbolização que os autores conferiram à capacidade de ver e à ausência dessa capacidade, o que resultou no manejo diversamente semelhante das noções de cegueira e alienação, visão e lucidez.

No livro de Saramago, temos um conflito determinado não apenas pelo surgimento de uma desconhecida cegueira branca de alto poder de contaminação. O que nos chama a atenção é o modo

como o poder público lida com situação. O médico é seriamente ignorado quando tenta alertar o Ministério da Saúde sobre a epidemia. A seguir, assustado com a expansão da doença e preferindo comodamente acreditar que o problema afetará apenas uma minoria, que pode ser simplesmente tirada de vista, o governo optar por isolar todos os contaminados e os assim suspeitos em um mesmo espaço, um manicômio.

Isto nos lembra Santos (2002, p.30) dizendo que, em um mundo globalizado, “[...] deve-se reduzir o peso das políticas sociais no orçamento do Estado, reduzindo o montante das transferências sociais, eliminando a sua universalidade [...]”. Esta é a atitude do governo, que, ao ignorar o alerta do médico, pode ser referido, com toda a segurança, da forma como o faz o narrador: *É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade* (SARAMAGO, 1996, p.40). (grifo nosso).

Este posicionamento nos remete, ainda, à clara dificuldade presente nas mais diversas sociedades quando se trata de lidar adequadamente com suas minorias. A este respeito, devemos perceber que a própria escolha de um manicômio para servir de abrigo aos contaminados não deve ser entendida como algo fortuito: para isso basta atentarmos ao respeito e ao tratamento que se dispensam aos loucos socialmente, tornados, em sua maioria, verdadeiros párias.

Neste contexto, nos parece adequado o que Hannerz levanta a respeito do cosmopolitismo. Para o autor, ele

Inclui uma postura favorável à coexistência de culturas distintas na experiência individual... uma orientação, uma vontade de interagir com o Outro... uma postura estética e intelectual de abertura face a experiências culturais divergentes (1990, p.239 *apud* SANTOS, 2002, p.49).

Desta forma, antes de seguir com este texto, deixamos para reflexão a seguinte questão: diante deste conceito, deixando de lado talvez para alguns o que pode parecer uma simples ficção, o que

vem à tona quando pensamos a respeito do modo como a nossa própria sociedade lida com as diferenças e divergências? Quão próxima está de se tornar um espaço cosmopolita?

Prosseguindo, não podemos esquecer, em segundo lugar, do papel que apresentam, também, os cegos malvados da camarata mais recente dentre as que se estabelecem no manicômio da história de Saramago. Estes são os responsáveis pelo episódio inominável, conforme aludido no texto.

Os cegos malvados compõem um grupo de pessoas que resolvem tirar proveito da situação. Este proveito vem da violência possibilitada pela arma de fogo que possuem e pela vantagem que têm ao contarem com o apoio de um indivíduo que foi sempre cego e que, por isso, ali vive com menores dificuldades, sendo capaz, por exemplo, de ler e escrever em braile. Esta habilidade é muito relevante quando da primeira investida do grupo: exigir todos os objetos de valor financeiro que os demais cegos tivessem consigo em troca da oferta de um pouco de comida. É o cego natural que realiza a contabilidade de tudo o que foi conseguido.

Em um segundo momento, a ganância do grupo e a degradação de todos atingem o ápice com a exigência dos malvados de que as mulheres cedam a seus desejos de violência sexual. A fome de homens e mulheres fala mais alto que a dignidade que poderiam conservar e elas acabam se entregando a um complexo de agressão física, psicológica e de morte. Diz a mulher do médico, depois disso: *já não somos as mesmas mulheres que daqui saímos [...] o inominável existe, é esse o seu nome, nada mais.* (SARAMAGO, 1996, p.40).

Contudo, toda a privação causada aos cegos pelo abandono a que lhes relegou o poder público e pelas ruindades perpetradas pelos cegos malvados serve de fermento para uma paralela, pequena e fundamental ação de resistência. Esta é pequena no sentido de ser levada a cabo por apenas duas mulheres, as quais precisam lidar com seus medos, com o esfacelamento dos valores morais e com a crise identitária –

[...] tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemos-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse. (SARAMAGO, 1996, p.40)

é o que pensa a mulher do médico – para se tornarem capazes de tomar atitudes grandiosas que somente em um mundo organizado, civilizado e moralmente estruturado poderiam ser condenáveis.

Depois de ocorrida muita humilhação e depravação, a mulher do médico consegue matar o chefe dos malvados. Isto é algo que podemos ver como o primeiro coroamento de todo um percurso em que usa de sua visão para tentar fazer com que os companheiros vivam menos como plenos animais, e tenham mais decência. Sua lucidez pode já, neste ponto, ser vista em contraponto à intensa alienação feita de cegueira sob que vivem pares, os quais, muitas vezes, conseguem mesmo serem tolerantes à opressão.

Em uma atitude que conflui com a da mulher do médico surge a mulher do isqueiro. Com muita audácia, ela põe fogo na camarata dos malvados, perdendo a vida, mas trazendo aos companheiros, ao mesmo tempo, a possibilidade de abandonarem um manicômio em chamas e de trilhar, com liberdade, caminhos novos pela cidade.

Na nova fase, volta a ser fundamental o papel de guia que a mulher do médico desempenha em um grupo que forma com o marido, o garoto estrábico, o velho de venda preta, a mocinha de óculos escuros e o primeiro cego com sua esposa. Ao incentivar a coragem e a solidariedade e, ainda, ao lutar pela união do grupo, esta mulher promove uma convivência em que valores afetivos e éticos podem já começar a se restabelecer na medida em que cada um dos cegos, pouco a pouco, passa a recuperar traços da então perdida humanidade.

Tendo em conta o modo como Saramago conseguiu objetivamente representar o esvaziamento moral contemporâneo com a metáfora de uma cegueira-alienação, que articula o comportamento dos cegos-indivíduos sociais neste romance, atentando, inclusive, a uma resistência que surge de um lúcido protagonismo feminino, devemos concordar com Silva (1989), para quem

[...] este não é tão-somente um romance cujo assunto é a cegueira, mas também um ensaio entendido como experiência, experimentação que revele a possibilidade de enxergar para além das aparências, para além dos seus próprios limites convencionais.

Passamos, assim, à consideração do primeiro capítulo do livro *Mistida*, que chama a atenção, desde início, pelo enigmático título que em parte alguma do texto é explicado. Trata-se de uma expressão que pode ter vários significados.

Na língua crioula da Guiné –Bissau, o verbo *misti* significa querer, preferir, desejar... e deriva da expressão latina *ministerii (est)* que sobrevive no português como “é mister” (AUGEL, 2007, p.315),. Conforme Ferreira (1999, *apud* AUGEL, 2007, p.315), *mistida* se refere a uma incumbência, a um propósito, a uma meta, sendo que *safar uma mistida* corresponde a tratar e resolver os próprios assuntos, satisfazer uma necessidade ou um desejo (SCANTAMBURLO, 2002 *apud* idem).

Abdulai Sila (1997), o autor do livro, tem sua própria versão do sentido. Para ele (1999 *apud* HAMILTON, 1999, p.20, citado por AUGEL, 2007, p.315),

“Mistida” significa amor, desejo, ambição, afazer, etc. No entanto, deve-se salientar que, ultimamente, este termo tem adquirido outros significados, que não tem nada a ver com sua origem etimológica, nomeadamente negócio, compromisso, etc. De fato, o seu significado só pode ser determinado no contexto de uma frase específica, tanto são seus possíveis significados e/ou sentidos. Deste modo, *safar uma mistida* (esta é a expressão que se usa) pode significar tanto ir

beber um copo de vinho de caju, como concretizar um negócio, participar numa reunião do partido ou ainda fazer amor com uma amante.

Superando a tentativa de deciframento do título em questão, faz-se necessário considerar o contexto de produção do romance. Temos uma história criada no pós-independência, momento que antes de consubstanciar o sonho de uma nação fundada no progresso e em emancipações reais – de ordem econômica, social e política... – converteu-se em um pesadelo caótico na medida em que a legalidade se mostra enfraquecida pelos abusos crescentes dos governos instituídos. (cfe. AUGEL, 2007, p.314-5). É um contexto que evidencia que “[...] enquanto feixes de relações sociais, as globalizações envolvem conflitos e, por isso, vencedores e vencidos.” (SANTOS, 2002, p.56).

Considerar a estrutura deste livro, por sua vez, leva-nos ao encontro de 10 capítulos com diferentes histórias que se ligam de algum modo no final. Esta variedade faz com que não se verifique uma centralização em torno de certas personagens, nem de um herói. Ao contrário, para Augel (1998, p. 347), “[A] diversidade intencionada pelo autor corresponde à diversidade e à complexidade, mas também ao desmantelamento das estruturas sociais e políticas da Guiné-Bissau”. Neste caso, como em *Mayombe*, de Pepetela: “o multifoco narracional reflete as contradições internas do país [...] a pluridiscursividade ressalta as dissonâncias por sob a unidade pretendida pelos ideais pregados pela Revolução” (SECCO, 2003, p.38 *apud* AUGEL, 2007, p. 316).

Mistida apresenta-se, além disso, como um livro que traz um propósito. Ao surgir como um registro das diferentes perdas causadas por conta de um roubo extraordinário, “o roubo da memória, sem a qual a História não é possível” (AUGEL, 1998, p.348), evidenciando situações como a perda da vontade de ver, a perda do dom da palavra, a ausência de sentimentos, por exemplo, o autor elabora, como seqüelas deste crime, os sinais da decadência e da deterioração social que enxerga na sociedade.

Por essa razão, Teresa Montenegro (1997, p.11), ao prefaciara primeira edição do livro, afirma que

Mistida é uma ficção que reflecte, por um lado e sobretudo, a flagrante crise de sentido que percorre globalmente o mundo em que vivemos e, por outro, e de maneira acertadamente caleidoscópica, a multiplicidade de estratégias individuais postas em jogo na procura de saídas e de novos sentidos que permitam sobreviver à desestruturação.

De fato, ao longo do livro, vamos percebendo que cada capítulo gira em torno de uma personagem que tem, ou de personagens que compartilham, uma mistida a safar. Mistidas que, embora em suas particularidades não se esclareçam, revelam um ideário coletivo e de transformação social.

Cumprir dizer que é esta configuração, em que variados anti-heróis vêm à tona, em situações muitas vezes irrealistas, representando, claramente, a desestruturação por que passa o país, mas que, ao mesmo tempo, procuram meios e estratégias que lhes permitam escapar à aniquilação, causada pela desesperança, que nos conduz de forma mais explícita aos conceitos de localização e de globalização contra-hegemônica que encontramos em Santos (2002).

O autor entende a localização como o

o conjunto de iniciativas que visam criar ou manter espaços de sociabilidade de pequena escala, comunitários, assentes em relações face-a-face orientados para a auto-sustentabilidade e regidos por lógicas cooperativas e participativas. (SANTOS, 2002, p.72).

A globalização contra-hegemônica, por sua vez,

é internamente muito fragmentada na medida em que assume predominantemente a forma de iniciativas locais de resistência à globalização hegemônica. Tais iniciativas estão enraizadas no espírito

do lugar, na especificidade dos contextos, dos atores e dos horizontes de vida localmente constituídos[...] (SANTOS, 2002, p.75).

Procedendo, assim, ao exame do capítulo “*Madjudho*” do romance *Mistida*, para realização do devido paralelo com o *Ensaio sobre a cegueira*, encontramos uma história que se passa entre duas personagens, o Comandante e o garoto Madjudho/Matchudho em um posto militar abandonado.

A situação é a seguinte: vive-se já um momento de recém independência. O Comandante foi responsável pela libertação de um posto de controle concomitantemente ao fim das lutas de libertação, mas parece não ter consciência do término do conflito colonial, tendo feito do aludido posto uma moradia, cuja porta é um Volvo abandonado e em que garante permanecer “[A]té o dia em que definitivamente regressarem o orgulho e a dignidade a nossa terra” (SILA, 1997, p.20).(grifo nosso).

O então guerreiro divide sua moradia com Madhudho, criança que salvou no definitivo combate, onde um tumulto causado em uma comunidade por um avião que despejava *napalm* foi abatido pelo Comandante. Este, em um só lance, salvou a vida da criança e recolheu um prêmio a que deu o nome de Grande Medalha. Esta é, na verdade, uma bússola encontrada junto ao banco do piloto derrotado, objeto de profunda estimação para seu conquistador.

O elemento que nos chama atenção nesta história é o modo como a cegueira surge não mais como uma representação da desmoralização e falta de princípios humanos. Aqui ela é estratégia de negação de um mundo caótico, igualmente desvalorizado e sem princípios, mas é uma arma assumida, um escudo temporário contra a falta de vergonha e de escrúpulo das pessoas.

Tudo isto é simbolizado pela atitude que toma o Comandante no transcorrer da narrativa. Este resolve aderir à “Operação Imunidade Total”. Graças a essa decisão, decide *manter os olhos fechados durante todo o dia, da manhã à noite, enquanto houvesse um só raio de sol que tornasse algum objecto deste mundo visível* (SILA, 1997, p.21).(grifo nosso). Isto irrita o garoto, mas faz parte da estratégia

do adulto para não mais ver a hipocrisia e a maldade que parecem preencher a realidade.

Nesta lógica, os dois personagens muitas vezes vão discutir sobre a existência, realizando uma espécie de revisão de valores decorrentes da vivência da guerra. O Comandante se nega a se auto-atribuir uma idade em retorno à indagação que lhe faz o garoto. Conversam:

- *Quero saber a tua idade.*
 - *Não tenho idade, acabou...*
 - *Não é possível. A idade só acaba quando acaba a vida, não é?*
 - *Eu já não tenho vida.*
 - *Mas estás vivo.*
 - *Chamas a isto vida?*
 - *O que é então?*
 - *Eu já gastei a minha vida inteirinha. Já não há mais nada.*
 - *Se abrires os olhos vais ver que há.*
 - *Eu? Abrir os olhos? Para quê?*
 - *Abra só...*
 - *Há cinismo a mais, não quero ver.*
 - (...)
- (SILA, 1997, p.25, grifos nossos)

Adiante, o Comandante faz uma afirmação que serve para complementar uma reflexão da rapariga dos óculos escuros - *O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos...*” (SARAMAGO, 1996, p.131). Sua constatação, a de alguém que adotou um cegueira visionária, é a seguinte:

- *Se não és capaz de distinguir as coisas mais elementares não vale a pena fingir ter os olhos abertos. [...] (SILA, 1997, p.25 e 32)*

Nesta toada, o *turning point* da história não demora a se anunciar. De princípio, o Comandante pede a Madjudho que olhe bem para o sol para poder verificar a sua cor. O garoto é incapaz,

alegando que o astro apresenta *Aquela [cor] habitual, Comandante.*, ao que este retruca, indagando se o jovem não consegue ver que o *sol está quase a cair, [E] para sempre!*, e se não consegue distinguir qual será o *outro sol, aquele que brilhará para nós. Para todos nós [...]* (SILA, 1997, 32-3).

A seguir, o Comandante pede ao rapaz que saia para descobrir *o aroma do vento que está a soprar.* Madjudho se mostra inepto de novo, não sente vento nenhum até que se aproxime do Comandante e, depois de sua instrução - *Vem mais para aqui... Estas a sentir agora o aroma? Respira fundo. Assim mesmo... agora vai para fora e deixa-te purificar. A ver se abres os olhos...* (SILA, 1997, p.34) – saia novamente do posto para respirar fundo.

Logo que Madjudho sente a mudança e começa a enxergar, vai se deparar com o Comandante já fardado, prestes a entrar em ação. Concretizando sua alusão ao novo sol que começaria a brilhar para o povo, o que podemos entender como um governo mais justo a substituir os anos de uma ditadura corrupta (aquilo que estaria para “cair”), o então combatente pede ao garoto que coloque sua medalha no centro da estrada.

Da ação, surge a Grande Medalha *a rolar, a rolar ao longo da estrada, aumentando progressivamente de brilho e de tamanho.* Seu ponteiro gigante se liberta, *transformando-se num gigantesco fiel de balança.* O jovem corre para junto do Comandante, a fim de constatar se é chegado o tempo de retorno da justiça. De fato, *a medalha se transformava numa enorme bola luminosa, a subir vertiginosamente para o céu. Difundia uma claridade jamais vista sobre a terra.* O momento havia chegado: [O] jovem olhou para o Comandante e viu que tinha os olhos abertos. Definitivamente abertos. A hora de safar uma grande mistida se apresentava e tinha que ser antes do amanhecer (SILA, 1997, p.36-7).

O percurso do Comandante e de Madjudho foi delineado por acreditarmos que seja importante para o leitor verificar o modo como duas trajetórias desiguais podem se complementares, influenciando-se uma à outra positivamente.

No que se refere ao Comandante, cabe perceber que sua cegueira premeditada, na verdade falsa, é algo que poderia sugerir aos menos sensíveis uma atitude omissa. Porém, acreditamos que a fábula criada para o capítulo é suficientemente clara para nos conduzir a um sentido oposto: o de que enxergar, em seu procedimento, é uma estratégia de ação, uma manobra que esconde, atrás de uma passividade aparente, um posicionamento consciente que reserva o ingrediente da mudança.

Seu entendimento, não obstante, não pode ser completo sem a devida interpretação da personagem Madjudho. O garoto é aquele que evidencia como a falta de visão e de clareza pode ser denunciada justamente através do mau uso da capacidade de enxergar, ou, como é o caso, do ver sem nada perceber.

Mas é Madjudho quem faz companhia ao Comandante, cujo protesto só ganha sentido porque representa um modo de agir cauteloso, adequado às circunstâncias que se delineiam, o que é, portanto, um rico ensinamento para um jovem aprendiz.

Soma-se aqui o que podemos apreender do interessante dado levantado por Augel. Segundo a autora, os nomes atribuídos ao rapaz são termos da língua fula, uma das línguas locais da Guiné-Bissau. *Madjudho* é uma expressão que significa perdido, pessoa desorientada. *Matchudho*, por sua vez, emprega-se com a acepção de “escravo, empregado, criado” (AUGEL, 1998, p.350).

Com esta informação, torna-se compreensível porque o primeiro nome é aquele evocado “quando algo de bom iria acontecer” (SILA, 1997, p.31). De fato, melhor é ser o deslocado, sem pleno entendimento cuja possibilidade de compreensão e/ou localização está já vista no horizonte a ser alguém privado da humanidade, às vezes, da própria expectativa de auto-governo.

Pois bem, a história nos confirma isso quando, no fim, é efetivamente Madjudho aquele que, uma vez bem instruído, tem o direito da ação. É o garoto quem coloca a Grande Medalha na estrada (da própria vida, do país...), permitindo, então, o imediato desenho de um futuro melhor, construído sobre a coragem e o ponderamento,

oferecido a um povo há muito tempo escravizado pela ganância do totalitarismo constituído no partido único que arrasa a integridade da nação.

Desta forma, acreditamos que é lícito pensar que tanto o status de Madjudho como o de Matchudho possam fazer uma referência ao modo como viviam os cidadãos da Guiné-Bissau na época em que o livro foi publicado, conforme a visão de um escritor que parecia, em suma, expressar o desejo de libertação do povo guineense.

Mas, transcendendo o limite posto a esta questão, talvez seja mais adequado pararmos para avaliar quantos de nós temos conseguido já nos portar como o Comandante, corajosa e visionariamente, tecendo planos para um futuro particular, ao mesmo tempo em que fazemos alianças com Comandantes outros, também com Madjudhos, tendo em vista um futuro bom e compartilhado.

Por outro lado, é permitido indagar, ainda, até que ponto muitos de nós não temos agido como os cegos malvados, perpetuando espaço a fora vasta porção de maldade e hipocrisia, querendo ao mesmo tempo viver em um mundo melhor para o qual nada ou pouco contribuimos, deixando-nos absorver por uma crise de sentido a pretexto globalizada, sem contrapô-la com o poder da resistência, sem desembolsar uma bússola norteadora que possa tirar a todos da cegueira branca, uma alienação tão profunda muito bem figurativizada por Saramago.

REFERÊNCIAS:

- AUGEL, M. P. *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 422p.
- _____. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. República da Guiné-Bissau, INEP, 1998. 466p.

MONTENEGRO, T. Prefácio. In: SILVA, A. *Mistida*. Guiné-Bissau (Bissau): Ku si mon Editora e Abdulai Sila, 1997, p.9-12.

SANTOS, B. de S. Os processos da globalização. In: _____ (org). *A globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p.25-104, 571p.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. 310p.

SILVA, A. *Mistida*. Guiné-Bissau (Bissau): Ku si mon Editora e Abdulai Sila, 1997, 214p.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago: Entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989, 278p.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA MOARA

A Revista MOARA aceita artigos originais para publicação que devem ser encaminhados ao editor responsável pelo número a ser organizado. Os textos serão submetidos ao Conselho Editorial da revista, que se reserva o direito de sugerir ao autor modificações de forma e/ou de conteúdo. Seguem abaixo as normas para publicação.

1. Redigir o texto em português, inglês, francês ou espanhol.
2. Utilizar margens de 3 cm. à esquerda, 2 cm. à direita, 3 cm. na margem superior e 2 cm. na margem inferior em formato de papel A4.
3. O texto digitado deve ter entre 4 mil e 8 mil palavras, incluindo os anexos.
4. Digitar o texto em Word for Windows (edição 6.0 ou superior), fonte Garamond, corpo 12, espaçamento simples entre linhas e parágrafos, em modo justificado.
5. Entre partes do texto e entre texto e exemplos, citações, tabelas, ilustrações etc, utilizar espaço duplo. Para fazer isso, basta redigi-los na segunda linha após o parágrafo anterior.
6. Para citações com mais de três linhas, adentrar o texto em 2 cm. e utilizar fonte Garamond, corpo 10.
7. Para citações com menos de três linhas, usar aspas no próprio corpo do texto.
8. Para notas de rodapé, usar fonte Garamond, corpo 10.

9. Utilizar paragrafação automática.
10. Apresentar o texto na seguinte seqüência: título do artigo, nome(s) do(s) autor(es), resumo na língua do artigo e em alemão, francês, espanhol ou inglês, palavras-chave em português e na outra língua do resumo apresentado, texto, referências e anexos.
11. Digitar o título do artigo centralizado na primeira linha da primeira página com fonte Garamond, tamanho 12, em formato negrito, todas as letras maiúsculas.
12. Digitar o(s) nome(s) do(s) autor(es) de forma completa na ordem direta, na segunda linha abaixo do título, com alinhamento à direita, seguido do nome completo da Instituição de filiação, entre parênteses. Letras maiúsculas devem ser utilizadas apenas para as iniciais e para o sobrenome principal.
13. Os resumos devem ser antecidos pela expressão RESUMO em maiúsculas, seguida de dois pontos, na terceira linha abaixo do nome do autor e sem adentramento. O texto dos resumos segue na mesma linha e deve ficar entre 100 e 150 palavras. Digitá-lo em fonte Garamond, corpo 11.
14. As palavras-chave devem ser antecidas pela expressão PALAVRAS-CHAVE em maiúsculas, seguida de dois pontos, na segunda linha abaixo do resumo e duas linhas acima do início do texto. Utilizar entre três e cinco palavras-chave com fonte Garamond, tamanho 11, separadas por ponto e vírgula.
15. Digitar os títulos de seções com fonte Garamond, tamanho 12, em negrito. O título da introdução deve ser redigido na terceira linha após as palavras-chave. Os demais títulos, duas linhas após o último parágrafo da seção anterior (pular linha). Os títulos de seções são numerados com algarismos arábicos sem pontos (por exemplo, 1 Introdução, 2 Fundamentação teórica). Apenas a primeira letra de cada subtítulo deve ser grafada com caracteres maiúsculos, exceto nomes próprios.
16. Digitar a primeira linha de cada parágrafo de texto com adentramento.
17. As citações no texto devem ser indicadas pelo sistema autor data. Ex.: Para citar, resumir ou parafrasear um trecho da página 36 de um texto de 2005 de Pedro da Silva, a citação completa deve ser (SILVA, 2005, p. 36). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.
18. Citações no meio do texto sempre devem vir entre aspas e nunca em itálico. *Use itálico para indicar ênfase ou grafar termos estrangeiros.*
19. Exemplos de corpora analisados devem vir no padrão de citação.
20. Caso seja necessária transcrição fonética, o autor deve enviar a fonte utilizada juntamente com seu artigo, a fim de que a mesma possa ser instalada para editoração do artigo.
21. Notas devem ser digitadas em rodapé em seqüência numérica. Se houver nota no título, marcar com asterisco (*). Não se deve usar nota para citar referência
22. Tabelas, quadros, gráficos, fotografias, ilustrações, desenhos etc. devem ser entregues prontos para a editoração eletrônica. As tabelas devem seguir os padrões estabelecidos pelo IBGE (1993). Não se admitem ilustrações xerocopiadas. Elas deverão ser devidamente escaneadas e inseridas no texto. Os títulos devem ser digitados com fonte Garamond, tamanho 12, em formato normal, centralizado. Tabelas, quadros, gráficos, fotografias, ilustrações, desenhos etc. devem ser identificados por legendas.

23. Os anexos devem ser entregues prontos para a editoração eletrônica. Para anexos que se constituem de textos já publicados, o autor deve incluir referência bibliográfica completa.
24. As referências devem ser antecedidas da expressão **Referências**, em negrito. A primeira referência deve ser redigida na segunda linha abaixo dessa expressão. As referências devem seguir a NBR 6023 da ABNT: os autores devem ser citados em ordem alfabética, sem numeração, sem espaço entre as referências e sem adentramento; o principal sobrenome do autor em maiúsculas, seguido de vírgula e iniciais do demais nomes do autor. Se houver outros autores devem ser separados uns dos outros por ponto e vírgula; título de livro, de revista e de anais, em itálico; título de artigo: letra normal, como a do texto; se houver mais de uma obra do mesmo autor, seu nome deve ser substituído por um traço de cinco toques; mais de uma obra do mesmo autor no mesmo ano, use uma letra (a, b, ...) após a data. Ordene referências de mesmo autor em ordem decrescente. Exemplos:

FERREIRA, M. *Morfossintaxe da Língua Parkatêjê*. Munique: Lincom-Europa, 2005.

FURTADO, M. T. A visão da Amazônia em Euclides da Cunha, Ferreira de Castro e Dalcídio Jurandir. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS – GELNE, 20., 2004, João Pessoa, Paraíba. *Anais...*João Pessoa, 2004. p.1869-1874.

MAGNO E SILVA, W. Estratégias de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras – Um Caminho em Direção à Autonomia. *Intercâmbio*, v. XV. São Paulo: LAEL/PUC –SP, 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/silva_w.pdf>. Acesso em: 5 set. 2007.

PESSOA, F. C. As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia paraense. In: MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (orgs.). *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 139-157.

SALES, G. M. A. Um público leitor em formação. *Moara*, Belém, v. 23, p. 23-42, jan-jun. 2006.

A desconsideração das normas especificadas acima resultará na não aceitação do artigo submetido

Última atualização em 17/09/2009.